



Entrevista com o sociólogo Luis Carlos Fridman.
Revista Ensaios, vol. 14, jan-jun de 2019.

Entrevista com o sociólogo Luis Carlos Fridman.

A Revista Ensaios traz neste número uma entrevista com o Sociólogo e Prof. Dr. da Universidade Federal Fluminense, Luis Carlos Fridman, com o intuito de lhe prestar uma homenagem pelo conjunto de sua trajetória acadêmica de mais de 35 anos. Nesta entrevista, apresentamos como uma vida dedicada a compreender as dinâmicas de sua própria existência encontra-se organicamente imbricada com as dinâmicas sócio-históricas da realidade brasileira, num particular, e com as mudanças ocorridas nas últimas décadas num âmbito global. Trata-se, portanto, de um relato direcionado aos estudantes, pesquisadores e professores da área das ciências sociais, embora possa interessar ao público, em geral, por percorrer a vida de um intelectual-militante engajado e comprometido com a sua atividade e com a realidade política e social que o constitui.

Entrevistadores: Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho, Juliana Rodrigues Moraes, Matheus Diniz Lobo da Costa.

Edição e transcrição: Juliana Rodrigues Moraes, Breno Botelho Ribeiro

Revista Ensaios: Professor Fridman, gostaríamos de agradecer pela entrevista que o senhor está concedendo à Revista Ensaios e, para essa primeira pergunta, gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre como foi estudar ciências sociais no contexto do regime militar.

L.Fridman: Gostaria de agradecer a iniciativa da *Revista Ensaios* pela entrevista, dando-me a oportunidade de realizar um relato, mais ou menos breve, de meu percurso acadêmico nas ciências sociais. No colégio secundário, nos anos 1960, eu fazia parte de uma escola muito politizada, o Colégio de Aplicação, que na época não era ainda UFRJ, mas da Faculdade de Filosofia da chamada, “Universidade do Brasil”. No contexto da ditadura militar, eu sofri influências muito fortes da politização advinda do ensino desta escola e, além disso, a influência familiar por meus pais terem sido na juventude, e boa



Entrevista com o sociólogo Luis Carlos Fridman.

Revista Ensaios, vol. 14, jan-jun de 2019.

parte da vida adulta, pessoas vinculadas à esquerda, mais especificamente ao Partido Comunista. É claro que isso não se prolongou durante toda a vida, porque as pessoas mudam de opinião, mas isso influenciou decisivamente na minha formação em âmbito familiar. Em virtude disso, eu comecei a militar na esquerda ainda na adolescência, na escola, e a militância na escola levou-me a vinculação com grupos de resistência à ditadura. Nessa época, a partir do AI-5, em 1968, se não me engano no dia 13 de dezembro de 1968, houve um incremento muito forte da repressão. Isso não é uma coisa individual, porque meus amigos pessoais na adolescência, desde sempre, também se comprometeram e, efetivamente, as condições de militância se tornaram cada vez mais duras e árduas. Inclusive, ocasionando na prisão de vários amigos muito próximos. Na época, cheguei a ser incluído num inquérito policial-militar, apesar de não ter sido torturado, nem ter ido para a cadeia. Assim, houve um refluxo grande, na verdade não foi um refluxo, mas uma aniquilação de boa parte dos grupos de esquerda que faziam resistência à ditadura militar, afetando todos os grupos de esquerda. Nessa época, a saída que para mim se apresentou foi estudar sociologia como uma forma de continuação da resistência ao regime, e uma forma de atualização e de ampliação das informações e estudos sobre a realidade brasileira, para um eventual esclarecimento sobre o que estava acontecendo no Brasil, e sobre o que poderia advir. Por isso, o estudo das ciências sociais se tornou, muito além de um imperativo, uma opção existencial perante a crueldade da repressão na época.

Revista Ensaios: Em seu TCC, ao refletir sobre as obras “Revolução burguesa no Brasil”, de Florestan Fernandes, e “Autoritarismo e democratização”, de Fernando Henrique Cardoso, dois importantes sociólogos e políticos brasileiros, o senhor dialogava, de alguma forma, com a conjuntura política vigente daquela época?

L. Fridman: Certamente, pois Florestan Fernandes era uma espécie de enciclopédia da sociologia brasileira. O livro “Revolução burguesa no Brasil” – na época eu era muito jovem – me impressionou bastante por ser uma interpretação em que, Florestan, através de uma erudição sociológica impressionante, justificava o seu argumento sobre a qualidade, isto é, a natureza do capitalismo selvagem no Brasil. Já Fernando Henrique, em “Autoritarismo e democratização”, falava sobre os anéis burocráticos do Estado, o que era uma tese extravagante aos meus olhos na época – olhos quase juvenis – e eu, evidentemente, tinha preferência pelas idéias de Florestan Fernandes. Qual foi a minha



Entrevista com o sociólogo Luis Carlos Fridman.

Revista Ensaios, vol. 14, jan-jun de 2019.

opção? Foi a de fazer uma comparação entre esses dois escritos, porque eram dois intelectuais importantíssimos para as ciências sociais na época. Não esqueçamos que Fernando Henrique Cardoso era um dos idealizadores e um dos principais participantes do grupo de estudos sobre “O Capital” de Marx, no SEBRAPE. O antigo Fernando Henrique Cardoso não era nada parecido com o que é hoje, e eu tentei fazer uma comparação entre esses dois trabalhos, para me situar, ou melhor, me ambientar na argumentação desses autores sobre a realidade política do Brasil.

Revista Ensaios: O que motivou o senhor a fazer um mestrado em antropologia social, num momento em que a antropologia se constituía enquanto uma disciplina cujo método principal era a etnografia e o trabalho de campo, sendo que as bases de suas inquirições se constituíam predominantemente de cunho sócio-histórico?

L. Fridman: Essa é uma boa pergunta. Na época, eu achava que o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional era o programa de melhor qualidade acadêmica da cidade do Rio de Janeiro. Sendo assim, eu não tinha muitas dúvidas de que queria fazer o Museu Nacional. Agora, na verdade, é uma coisa até um pouco curiosa, pois fiz muito mais um curso de sociologia, mesmo dentro do Museu, contando com a generosidade dos professores. Estudei muito Max Weber, com Otávio Velho; Karl Marx, com José Sérgio Leite Lopes; as sociedades camponesas, com Afrânio Garcia Jr.; assisti uma conferência no Museu Nacional de Francisco Weffort sobre Gramsci. E todos estes cursos e estudos eram muito mais afins à sociologia do que propriamente à antropologia. E eu, nos anos 1970, correspondendo também à poderosa difusão da obra de Gramsci no Brasil – aqui foi um dos lugares do mundo onde mais se estudou Gramsci – me encantei com a sua obra. Provavelmente, devido ao fato de ter uma formação marxista, me aprofundei nessa obra, e acabei por realizar uma tese sobre filosofia e consciência nas classes subalternas. Essa abordagem conciliava, de alguma maneira, antropologia e a sociologia, mas a inclinação básica era muito mais sociológica, porque me lancei na obra do Gramsci para entender como ele considerava os estados de consciência, ou as gradações das formas de consciência nas classes populares.

Revista Ensaios: De que forma a abordagem sobre a consciência das classes subalternas à luz das concepções teóricas de Antony Gramsci dialogava com esse campo?



Entrevista com o sociólogo Luis Carlos Fridman.
Revista Ensaios, vol. 14, jan-jun de 2019.

L.Fridman: Pelo seguinte: eu queria entender – na verdade, havia uma preocupação de época – quais eram as formas de consciência de parcelas, setores e classes da população brasileira, e como essas formas de consciência se manifestavam durante a ditadura militar. Então, Gramsci nos auxiliava a entender o conceito de hegemonia, que não era apenas coercitivo, mas também de elementos de persuasão que faziam com que as pessoas aceitassem as ideias predominantes e que produzia, de alguma maneira, a concordância e a passividade perante a radicalidade da dominação autoritária.

Revista Ensaios: Ainda seguindo a orientação acima, caberia falar sobre um “retorno” à sociologia no doutorado, no caso de sua trajetória? Ou o senhor acredita que os princípios teleológicos de ambas as disciplinas, no fundo, são de uma mesma ordem?

L.Fridman: Não creio que sejam da mesma ordem. Entretanto, o meu doutorado em sociologia foi, sem a menor dificuldade, uma continuação dos estudos que estava desenvolvendo no Museu Nacional e, na verdade, uma continuação dos estudos que eu já desenvolvia desde a graduação. Como enfatizei, eu não fui exatamente um estudante canônico de antropologia. Eu estudei áreas das ciências sociais que foram oferecidas no mestrado de antropologia social, e que me deram a oportunidade de me inscrever no concurso de seleção de sociologia, do então IUPERJ, onde eu dei continuidade a essas preocupações.

Revista Ensaios: Gostaríamos que falasse um pouco sobre a sua tese em Karl Marx, “Comunismo e teoria sociológica contemporânea”.

L. Fridman: Creio que nunca se faz uma tese sobre algo que nos é totalmente estranho, pois uma tese se realiza a partir de algo que nos compõe de forma mais verdadeira. Eu tinha, dentro das ciências sociais, um trajetória de afinidade com a teoria marxista, não à toa, durante o mestrado em antropologia no Museu Nacional, fiz uma tese sobre Gramsci, que foi um dos mais importantes teóricos marxistas do século XX. A partir daí, durante o doutorado em sociologia, eu assimilei conhecimentos aprofundados sobre as diversas correntes da teoria social clássica e contemporânea, e quis fazer uma espécie de “acerto de contas” comigo mesmo, ou seja, “qual era o meu marxismo?”, “em que ele estava baseado?”. Assim, a partir das influências advindas das leituras oferecidas no doutorado, comecei a me preocupar com o aspecto teleológico da filosofia da história do Marx. Isto



Entrevista com o sociólogo Luis Carlos Fridman.

Revista Ensaios, vol. 14, jan-jun de 2019.

é, de um fim previamente determinado, ou da projeção de um fim, que seria o comunismo como resultado inevitável do transcurso histórico. E vi, durante o doutorado, que esse aspecto teleológico não era necessariamente uma certeza científica, era muito mais uma projeção. Isso me interessou, porque abria campo dentro do próprio marxismo para perceber a variedade e as consequências previstas, ou inesperadas, da ação humana, o que garantia uma margem de interpretação muito mais ampla do que apenas, como dizia o Gramsci, a certeza do fim último, ou uma espécie de imunidade quanto ao princípio do erro na política. Isso me impressionou na época e constituiu a base das preocupações que geraram minha tese de doutorado.

Revista Ensaios: Em suas pesquisas, sobretudo em seu livro “Vertigens Pós-Modernas: Configurações Institucionais Contemporâneas”, o senhor atualiza o debate em torno do papel das instituições no mundo contemporâneo. Podemos trazer esse debate para pensarmos o atual contexto político e social brasileiro (impeachment, emergência de correntes ultraconservadoras, etc.)? Estaríamos passando por um momento de crise das referências políticas, culturais e morais?

L. Fridman: Eu acho que essa aproximação não é imediata. Meu livro “Vertigens Pós-Modernas” foi uma espécie de exame panorâmico das mudanças institucionais acontecidas nas últimas quatro ou cinco décadas, a partir da influência de autores como Guy Debord, Richard Sennet, Alain Touraine, Zygmunt Bauman, Fredric Jameson, e tantos outros, que tentaram capturar a natureza das mudanças ocorridas nas últimas décadas. Mudanças estas que alteraram decisivamente os modos de vida e pode-se, por vezes, sintetizar em uma expressão muito geral e, por isso, muito simplificada, que é o processo de globalização. O processo de globalização afeta todos os países do mundo, assim como o Brasil, ao ponto da condução da política brasileira nos dias atuais, depois do impeachment da presidente Dilma – e antes também já afetava! –, ser uma espécie de neoliberalismo extremado, com o desmantelamento das políticas sociais que produziam a tentativa de rompimento, ou de aprimoramento dos sistemas econômicos e sociais. Então, essa relação não é imediata. É uma relação mediada. O livro pode auxiliar no estudo das configurações institucionais contemporâneas, mas creio que temos de ser mais específicos quando estudarmos a concretude dos processos em curso no Brasil da atualidade.



Entrevista com o sociólogo Luis Carlos Fridman.

Revista Ensaios, vol. 14, jan-jun de 2019.

Revista Ensaios: Ao lado dessas pesquisas em torno das novas configurações institucionais no mundo contemporâneo, o senhor vem desenvolvendo um trabalho sobre a relação entre “o rock and rol e a esfera pública nos anos 60”. Poderia falar um pouco sobre o que levou o senhor a pesquisar esse tema? Acredita que atualmente podemos perceber algum movimento artístico capaz de promover, numa escala global, as rupturas que o rock promoveu naquele contexto dos anos 60?

L. Fridman: Eu fui estudar a música e a política dos anos 1960 por causa da minha vida. Por quê? Porque os anos 1960 foram absolutamente decisivos na minha formação, sejam nas influências sobre as minhas opções existenciais; sobre minhas preferências estéticas; nos padrões de comportamento e relacionamento – que trouxeram de forma muito transformadora –, e, na verdade, assim como fiz em minha tese de doutorado, também quis atualizar a reflexão a respeito da maneira como as profundas mudanças ocorridas naquele período trouxeram uma relação entre as manifestações artísticas e o conjunto das interpelações ao poder. Então, voltei a algo que sempre me apaixonou: a música. Algo que foi o vigor e a alegria da esperança revolucionária dos anos 1960. Voltei à relação entre essa vontade de mudança no plano institucional, com as manifestações artísticas, e percebi que houve uma revolução musical nos anos 1960, algo que eu não encontro similar na contemporaneidade. Respondendo de maneira concreta a sua pergunta, pretendo estudar esse período para capturar o que lhe foi decisivo do ponto de vista da dinâmica social e buscar algum reconhecimento sobre o que acontece na relação contemporânea entre as manifestações artísticas e a política. É bom que se diga que minha geração sofreu uma determinada influência e que eu não seria capaz – pela minha própria idade e pelas influências que me afetaram desde então –, de abarcar o conjunto das manifestações estéticas e musicais da contemporaneidade, porque muitas delas eu tenho pouco interesse e pouca informação. Mas, acho que esse estudo pode produzir elementos para que os estudantes e os novos pesquisadores possam se sentir estimulados a correr riscos de interpretação sobre a realidade atual.

Revista Ensaios: O senhor está fechando agora um ciclo, foram 35 anos lecionando na Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Qual mensagem o senhor deixaria para aqueles que pretendem seguir a carreira docente, para os jovens sociólogos? O que o senhor levará de mais significativo dessa experiência?



Entrevista com o sociólogo Luis Carlos Fridman.
Revista Ensaios, vol. 14, jan-jun de 2019.

L. Fridman: Essa pergunta envolve muitas outras questões, pelo que pude perceber. Primeira coisa, quando se realiza uma trajetória como essa, fica depositado em nossa memória a constituição, até mesmo a nossa própria identidade, durante 35 anos ou mais de trabalho, isso não é pouco, e repercute profundamente no que se carrega. E foi na UFF – na relação com os estudantes, mais do que na minha pós-graduação – onde aconteceu a possibilidade de um maior amadurecimento intelectual. Isso não quer dizer que eu me considere maduro intelectualmente, porque nós nunca somos maduros. Aliás, eu não gosto muito da palavra maturidade. Estamos sempre num vir a ser, sempre em construção. Portanto, maturidade é uma espécie de “patamar” consolidado da vida que considera falacioso, pois nós sempre podemos nos dar conta do quanto não sabemos e do quanto não nos constituímos. O segundo ponto foi ter convivido com pessoas que aprendi a gostar, aprendi a respeitar, aprendi a admirar. Além de ter passado por uma espécie de intercâmbio intelectual permanente com professores, estudantes, numa vida intelectual que me foi muito frutífera. O que sempre importa, para mim, é a criatividade da vida intelectual, por isso eu acho que, para os estudantes e pesquisadores de ciências sociais, além de estudo, formação, dedicação, precisa ter imaginação! Que, aliás, é título de um famoso livro do Wright Mills, “Imaginação Sociológica”. Creio que a imaginação – mesmo frente ao erro – é fundamental para ter o que se pode chamar de sensibilidade interpretativa dos fenômenos, mesmo que ainda não se tenha alcançado o argumento científico preciso sobre o que se está intuindo. Então, creio que a UFF hoje, no Departamento de Sociologia e Metodologia em Ciências Sociais, passa por uma mudança muito grande por causa de uma renovação profunda durante os governos Dilma e Lula, e acredito que os novos integrantes do departamento têm todas as condições de fazer com que esse espaço acadêmico se afirme dentro do Estado como um lugar frutífero de ensino, pesquisa e invenção institucional. E para os jovens pesquisadores e estudantes, acho que é fundamental usar a imaginação, tendo um compromisso com a atividade, quer dizer, uma afinidade verdadeira com a atividade. Porém, fazendo com que a informação esteja a serviço, também, da imaginação e da criatividade para a interpretação dos fenômenos correntes.

Revista Ensaios: O senhor quer deixar uma última mensagem? Falar alguma coisa que ainda não foi perguntado?



Entrevista com o sociólogo Luis Carlos Fridman.

Revista Ensaios, vol. 14, jan-jun de 2019.

L. Fridman: Gostaria de agradecer muito a vocês por essa entrevista. Sinto-me, pessoalmente, sensibilizado pela iniciativa de vocês, e acho que a UFF é um lugar de muita inquietação, e essa inquietação é frutífera, por que ela pode ser aproveitada no compromisso com a atividade. O compromisso com a atividade é muito importante. O vigor das adesões ideológicas e políticas é indispensável para uma vida intelectual frutífera e, no meu caso, guardo para mim as melhores memórias! Eu, na verdade, não saí da UFF, continuo dando aula na pós-graduação. Então, não sinto como se estivesse encerrado o meu comprometimento com as ciências sociais, ao contrário, me sinto plenamente envolvido com as atividades em ciências sociais e creio que isso não vai parar nunca! É isso que gosto de fazer e é isso que gosto de arriscar.

Revista Ensaios: Obrigado, professor, por ter aceitado nosso convite e a ideia de ter o registro dessa trajetória, que é importante não só pelo registro em si, mas porque também é uma memória que nos constitui, relembro de nossas aulas, então, quando você fala, sinto que essa trajetória fala para nós também.

L. Fridman: É muito legal, isso! Eu gosto muito de dar aula e, ainda que eu goste muito da referência do texto, gosto mais do que escapa, gosto do que surge no momento, gosto do que a conversa entre professor e estudantes suscita a partir do que é vivido, experimentado, do que é imaginado, e esses momentos são muito inspiradores, então não foi nem uma, nem duas vezes que eu escrevi coisas a partir do que surgiu, surpreendentemente, dentro da sala de aula, e vai ser sempre assim.

Revista Ensaios: A docência tem esse desafio de lidar com a contingência!

L. Fridman: Com o surpreendente, principalmente, com o surpreendente! E é muito diferente...

Revista Ensaios: Isso lhe atrai?

L. Fridman: Isso se torna confortável porque é muito prazeroso. Eu lembro claramente quando eu era um jovem professor: eu ficava em casa angustiado, preparando aula e pensando sobre o que os alunos iriam perguntar, sobre o tema que eu ainda não sabia responder, e isso, na medida em que os anos vão passando, você perde completamente, você não se preocupa com o que as pessoas vão lhe perguntar por que você acredita no



Entrevista com o sociólogo Luis Carlos Fridman.

Revista Ensaios, vol. 14, jan-jun de 2019.

que você está passando, e o que você não sabe você diz que você não sabe, é muito mais simples. E quando não sabe você começa a pensar junto sobre, e isso é muito confortável, deixa de ser uma espécie de prova. O jovem professor se sente como se sempre estivesse sendo submetido a uma prova, e à medida que o tempo vai passando você deixa de se sentir em uma prova, e passa a sentir parte de uma conversa que vai produzindo assuntos e conteúdos, o que torna tudo muito interessante! É assim que eu me sinto hoje.

Revista Ensaios: Essa abertura é fantástica, mas também muito difícil para o professor ter essa abertura. Ao que me parece trata-se de algo que você adquire também com o tempo, lecionando.

L. Fridman: E também com a vida! Eu acho que a vida me fez perceber, com mais humildade, o quanto que eu não sei, e que o quanto que eu não sei é muito mais do que eu sei, e isso me relaxa bastante. É muito melhor saber o quanto não se sabe, muito melhor, e a conversa se dá muito mais autêntica, muito mais verdadeira, ao invés de ser a palavra do saber em sua plena autoridade, isso é muito relativo.

Revista Ensaios: Obrigado, professor!